

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Gilmar Mendes Dos Santos

Paulo Roberto Dos Santos

**Práticas culturais Kaingáng na Terra Indígena Xapecó: Relatos sobre a caça e
pesca na aldeia Olaria**

Florianópolis, Janeiro de 2015

Gilmar Mendes Dos Santos

Paulo Roberto Dos Santos

Práticas culturais Kaingáng na Terra Indígena Xapecó: Relatos sobre a caça e pesca na aldeia Olaria

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Sandor Fernando Bringmann

Florianópolis, Janeiro de 2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 29 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 14 horas, na Sala 310 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Sandor Fernando Bringmann Orientador e Presidente, Professora Luana Mayra da Silva, Titular da Banca, e Professora Helena Alpini Rosa, Suplente, designados pela Portaria nº 73/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso dos acadêmicos Gilmar Mendes dos Santos e Paulo Roberto dos Santos, subordinado ao título: “Práticas culturais Kaingáng na Terra Indígena Xaçpecó: Relatos sobre a caça e pesca na aldeia Olaria”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, os acadêmicos expuseram o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo os candidatos recebido do Professor Sandor Fernando Bringmann, a nota....., da Professora Luana Mayra da Silva, a nota....., e da Professora Helena Alpini Rosa, a nota.....; sendo aprovado com a nota final Os acadêmicos deverão entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, ...29... de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. *Sandor*

Prof. *Helena Alpini Rosa*

Prof. *Luana Mayra da Silva*

Candidatos *Paulo Roberto dos Santos*

Gilmar Mendes dos Santos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que os acadêmicos Gilmar Mendes dos Santos e Paulo Roberto dos Santos, matrícula n.º 11104042 e 11103040, entregaram a versão final de seu TCC cujo título é **Práticas culturais Kaingáng na Terra Indígena Xaçecó: Relatos sobre a caça e pesca na aldeia Olaria**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 15 de Março de 2015.

Prof. Ms. Sandor Fernando Bringmann

Orientador

Agradecimentos

Este trabalho marca o encerramento de uma importante etapa de nossa vida, tanto pessoal como familiar, acadêmica e profissional. Muitas pessoas foram importantes neste período que aqui se encerra, achamos muito justo em demonstrar gratidão a elas.

Acima de tudo queremos agradecer ao nosso Deus, por ter nos dado saúde, coragem e sabedoria de podermos realizar este trabalho e por ter nos direcionado para as pessoas certas a nos contribuir com o tema proposto.

Agradecemos aos nossos familiares por sempre estarem nos incentivando e nos encorajando carinhosamente em todos os momentos da vida. Em muitos momentos presentes e em outros momentos ausentes, nunca deixaram de compreender a nossa ausência, que foram superados com compreensão, obrigado.

Eu, Paulo Roberto Dos Santos agradeço minha família por terem sempre me incentivado aos estudos e por sempre me suportar quando de minhas dificuldades no cotidiano de minha vida. Mas minha ausência mesmo contra vontade se fez necessário para essa conquista. Obrigado.

Eu, Gilmar agradeço a Deus por ter proporcionado aos meus pais o privilégio de terem me dado o dom da vida, agradeço aos meus pais por terem me cuidado e me orientado desde pequeno em levar uma vida digna e descente perante a sociedade envolvente, e respeitando a todos com a mesma igualdade. Quero aqui também agradecer minha esposa e meus filhos por abraçar esta causa e mesmo que contra a vontade, na minha ausência souberam abraçarem-se uns aos outros e suportar a saudade até que eu retornasse ao meu lar, mas de forma geral quero agradecer a toda à família SANTOS. Muito obrigado mesmo!.

Agradecemos às professoras Helena Alpini Rosa e Luana Mayra da Silva pela gentileza de aceitarem fazer parte desta banca. Somos gratos pelas suas contribuições e críticas.

Para encerrar, queremos agradecer ao professor Sandor Bringmann nosso orientador e, em seu nome a todos os professores e amigos, aos nossos sábios moradores da aldeia Olaria que muito contribuíram com suas entrevistas para a realização deste Trabalho De Conclusão De Curso (TCC), agradecemos a coordenação e de mais servidores e bolsistas do curso de licenciatura indígena e há Fundação Nacional Do Índio (FUNAI) que muito se esforçaram para realização do mesmo. A todos, o nosso muito obrigado.

Dedicatória

Não tivemos a oportunidade de conversar pessoalmente com alguns de nossos pesquisados, pois só foram mencionados por seus familiares porque não estão mais entre nós. Parte deles já partiu para o outro lado da vida. Conhecemos na verdade alguns como, o pai do seu Nuto Feliciano, o Senhor Sergio Machado e sua esposa a dona Palmiria Feliciano Machado (in memória), mas não sabíamos de suas preocupações, pois em sua época éramos muito pequenos, um de nós nem havia nascido (Paulo Roberto).

Mas tudo o que temos e somos, devemos a ele, que em sua memória, gestos, fala e ação sempre procurou a nos ensinar o mais correto possível nesta caminhada. Se nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) for utilizado de certa forma nas escolas indígenas e não indígenas e que, se tiver méritos de aplausos que sejam endereçados aos meus heróis antepassados, mas em especial ao meu herói mais valente em todas as expressões, o meu querido e sempre lembrado pai, o senhor Marins Mendes Dos Santos (in memória) falecido dia 09/03/2014.

Estas foram pessoas que muito contribuíram para a realização do mesmo, sem suas preocupações nada disso teria sido feito. Não queremos menos presar às pessoas que ajudaram também com suas entrevistas e relatos históricos, foi muito rico em conhecimento podendo ser utilizada de certa forma as colocações destes entrevistados neste trabalho, com isso foi feita novas descoberta na história desta Terra indígena Xapecó especialmente desta aldeia Olaria.

Apresentação

Este trabalho foi escrito por Gilmar Mendes Dos Santos e Paulo Roberto Dos Santos, acadêmicos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, na Universidade Federal De Santa Catarina (UFSC), cuja ênfase é Gestão Ambiental. Somos indígenas pertencentes à etnia Kaingáng, e moramos na Terra Indígena Xaçecó, no Oeste de Santa Catarina. O tema desta pesquisa foi escolhido porque sentimos a necessidade de divulgar as formas tradicionais do caçar e pescar dos Kaingáng de antigamente, buscando analisar as mudanças ocorridas ao longo do tempo em questões como meio ambiente, técnicas de caça antigas e modernas, espécies de animais existentes na TI Xaçecó, armas e armadilhas fabricadas e instrumentos utilizados. Ficaremos realizados se o resultado dessa pesquisa puder ajudar os Kaingáng e outros interessados em saber um pouco mais sobre como os Kaingáng faziam para caçar e pescar os animais e peixes que serviam para o seu sustento.

Resumo em português

O presente trabalho foi desenvolvido na TI Xapecó, na Aldeia Olaria, com o objetivo de demonstrar as técnicas de caça e pesca que sempre fizeram parte das práticas culturais Kaingáng. E com esse tema, fomos levados a ter grande interesse em voltar a praticar essas técnicas. Mesmo porque isso já está sendo esquecido. Para isso, buscamos auxílio com os sábios Kaingáng e também com algumas referências bibliográficas que estudaram o tema. Nossa meta principal é que o mesmo venha a ser lido e divulgado tanto entre os indígenas, quanto os (fóg) não indígena, para que os mesmos compreendam um pouco mais como é rico o universo cultural Kaingáng.

Resumo em Kaingáng

Uri vênhrânh rãj han ky ni ky ni tag ty ,T I Xapecó ,ê ty Olaria ta ke vê , eg ty vem sór nytti tog ty ta eg ty ê Krenh kar , eg pi rinh ta heren ky han Ge ni myn eg ty kanhgag tag ki han ke vê ky venhvi tog vê ky ty eg ty han sor mu gé ag ta han pé tag ti myr . Uri ke ag ty kãja tug rã ni. KỶ eg tóg vême u mi nyti em ki jãvãnh um ge , u ty tag to vémm jati venhvii tag ti .Eg ty han nyti tag ty vem sor vê Ge kar ég vi tóvénh ag k yag tóg vénhmu kinhrá um kanhgag ag tu pé tag ti.

Lista de figuras

- Figura 1.** Mundéu sendo montado pelo Sr. João Maria Mendes e Valdecir Moisés.....24
- Figura 2.** Senhor João Maria demonstrando o funcionamento da armadilha chamada laço com taquara.....27
- Figura 3.** Técnica do Bater Cipó demonstrada pelo Sr. João Maria Mendes e Valdecir Moisés.....29
- Figura 4.** Armando o pito (juquiá) para pegar tatu.....34
- Figura 5:** Os autores deste TCC com os caçadores João Maria Mendes e Valdecir Moisés.....40

Lista de colaboradores

FELICIANO, Nuto. 61 anos, morador da aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 30/11/2014.

INÁCIO, José. 75 anos, morador da Aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 23/10/2014.

NORBERTO, Valdecir Belino. 32 anos, morador da Aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 28/10/2014.

SANTOS, João Maria Mendes dos. 54 anos, morador da aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 12/09/2014.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	3
Dedicatória.....	4
Apresentações.....	5
Resumo em português.....	6
Resumo em kaingang.....	7
Lista de figuras.....	8
Lista de colaboradores.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS KAINGANG.....	13
1.1. Os Kaingáng em Santa Catarina e na TI Xapecó.....	15
CAPÍTULO 2. A RELAÇÃO DO KAINGÁNG COM O MEIO AMBIENTE.....	17
2.1 A importância da mata para os Kaingáng.....	17
2.2 Os animais e seus significados.....	19
2.3. Como o desmatamento interfere nesta relação?.....	20
CAPITULO 3. AS ARMAS E AS TÉCNICAS DE CAÇA E PESCA TRADICIONAIS DOS KAINGANG.....	22
3.1. Armas para caçar.....	22
3.2. Armadilhas para caçar pássaros, (êgje).....	25
3.3. Armadilhas para pescar (pári).....	28
CAPÍTULO 4. OS KOFÁS E SUAS NARRATIVAS SOBRE CAÇA E PESCA....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

INTRODUÇÃO:

As atividades relacionadas à caça e à pesca sempre foram parte constitutiva do ser e do viver Kaingáng, assumindo características próprias em sua cultura. Por intermédio dos atos de caçar e pescar, o Kaingáng conhece a si mesmo e o mundo que o rodeia. Nas práticas da caça e da pesca é inquestionável a transmissão de conhecimento e das formas de ser e sentir-se indígena.

Este é o foco do presente trabalho: analisar as praticas tradicionais da caça e da pesca Kaingáng ao longo do tempo na Terra Indígena Xaçecó, especialmente da aldeia Olaria.

A motivação da pesquisa se deveu pelo nosso gosto pela questão da caça e pesca que sempre foi parte cultural Kaingáng. Pretendemos demonstrar a importância das nossas armadilhas Kaingáng e motivar as novas gerações em resgatar essas antigas técnicas de armadilhas, que no decorrer dos anos foram sendo esquecidas em troca dos meios mais fáceis de caçar e pescar.

Esta pesquisa será desenvolvida na aldeia Olaria, com a participação de quatro indígenas nascidos e moradores da mesma. São eles: Valdecir Moisés Belino Norberto, de 32 anos, João Maria Mendes Dos Santos, 54 anos; Nuto Feliciano, 61 e José Inácio, 75 anos. Moisés e João Maria falam de armadilhas para caça e pesca e Nuto e José Inácio falam um relato histórico da nossa comunidade da Olaria, sendo que os quatro foram escolhidos porque todos eles são conhecedores de tais pesquisas. Os entrevistados acharam muito importante a pesquisa e falaram que isso sempre foi parte cultural Kaingáng e querem que essa pesquisa seja repassada para as próximas gerações.

A Aldeia Olaria esta localizada na Terra indígena Xaçecó e conta com aproximadamente 316 famílias, sendo que essa aldeia originou-se nos anos 80(oitenta), onde existia uma madeireira que foi extinta dando então inicio a uma cerâmica de tijolos. Daí então o nome aldeia Olaria. A Terra Indígena Xaçecó localiza-se no município de Ipuacú, oeste de Santa Catarina e é a maior TI do estado de Santa Catarina, conforme dados demográficos da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) de 2012.

A população da área , segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2010 , era de 5.105 pessoas, ocupando uma área de 15.623 hectares¹. Esta população é a majoritária Kaingáng com apenas algumas famílias da etnia guarani, vivendo na aldeia limeira, uma família xeta vivendo na aldeia sede.

Esta pesquisa é necessária para que se possa conhecer mais a fundo as práticas culturais de caça e pesca dos Kaingáng da Terra Indígena Xapecó, mais especificamente na aldeia Olaria e seus arredores. Outro fato que nos levou a realizar esta pesquisa foi à queda nas pescarias com isso trazer para as novas gerações que por sua vez não tem conhecimento do que realmente aconteceu, desde a década de 50 até os dias atuais, contribuir também como material de apoio pedagógico para os professores trabalhar nas escolas indígenas, levando também como conhecimento histórico para as escolas não indígenas.

¹ BRIGHENTI, Clovis. Terras Indígenas em Santa Catarina. In: Notzold, Ana Lúcia Vulfe. et ali (orgs). **Etno história, história indígena e educação: contribuições ao debate.** Porto Alegre: Pallotti, 2012. p. 255.

CAPÍTULO 1. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS KAINGANG

Os Kaingáng eram no passado muito um grupo numeroso, pertencente ao tronco linguístico jê, habitando os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. De acordo com Pierre Mabilde, viviam da caça, pesca e da coleta de frutas, sendo a base de sua alimentação constituída pelo pinhão.²

Definiam seus territórios a partir de outros limites. Essas definições tem como referencia a relação que cada povo estabeleceu com o meio e a inter-relação entre eles. Suas dimensões variam de acordo com cada grupo, assim; o território Guarani corresponde às terras mais baixas desde o litoral até o Paraná-Paraguai, enquanto o território Kaingáng compreende desde o interior do estado de São Paulo ate o centro norte do Rio Grande do Sul; o território Xoclengue compreende a região intermediaria do planalto ao litoral e do Paraná ao Rio Grande do Sul.

.Na região Sul a araucária que além da matéria prima, gerava a base da dieta alimentar dos grupos habitantes desta região, o pinhão, por ser um alimento muito nutritivo.³ Costuma-se afirmar que os Kaingáng desenvolveram sua cultura sob as sombras dos pinheirais, ocupando os territórios Sudeste/Sul do atual território brasileiro.

O povo Kaingáng também era conhecido como coroados, devido ao seu corte de cabelo, mas foi só reconhecido como Kaingáng a partir de 1882, descrito por Telêmaco Borba isso para diferencia-los dos guaranis dos estados acima citados.⁴

Na região sul os primeiros contatos com os Kaingáng foram com os bandeirantes, no inicio do século XVII. Há pelo menos dois séculos sua expansão territorial corresponde à zona do rio Tietê em São Paulo e o rio Ijuí, no norte gaúcho. No século XIX seu território dominante se estendia até San Pedro, na província argentina de Misiones. Estes indígenas conservaram sua identidade neste território até meados do século XIX, embora as primeiras explorações de europeus em seu território tivessem sido no século anterior. De novembro de 1771 e janeiro do ano seguinte uma expedição exploratória que foi comandada Afonso Botelho de Sampaio e Souza nos campos de Guarapuava, a pedido da coroa portuguesa com o seguinte objetivo: verificar

² MABILDE, Pierre F. A. Booth. **Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul. 1836 – 1866.** São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983. pp. 145-153.

³ NOTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. **Nosso Vizinho Kaingang.** Florianópolis Ed. UFSC, 2003. Pp. 44-46.

⁴ BORBA, Telêmaco. **Actualidade Indígena.** Curitiba: Typographia e Impressora Paranaense. 1908. Pp. 23-32.

a potencialidade aurífera da região e se prevenir da penetração de grupos espanhóis neste território.⁵

Em São Paulo a colonização da área pertencente aos Kaingáng deu-se em três etapas, de acordo com Júlio Melatti. A primeira foi pelos pecuaristas mineiros no final do século XVIII, devido aos campos de pastagens; a segunda foi à expansão cafeeira no oeste deste estado no final do século XIX e início do XX e a terceira foi em 1929, trazendo como consequência a queda do preço do café, criando então uma agricultura diferenciada.⁶

No Paraná, segundo Marcon, mais precisamente na região de Palmas e Guarapuava, a frente de colonização em especial foi à expansão da pecuária, criando grandes conflitos entre indígenas e colonos, forçando a migração dos Kaingáng para São Paulo, tudo isso foi para abrir caminho para as missões no Rio Grande Do Sul.⁷

Entretanto, pode-se considerar que o contato dos Kaingáng com a sociedade envolvente teve início no final do século XVIII e efetivou-se em meados do século XIX quando os primeiros caciques (Pó'i) ou (Rekaké) aceitaram se aliar com aos conquistadores brancos (fóg) e por este motivo transformaram-se em capitães, com o novo poder em suas mãos, foram fundamentais na pacificação de dezenas de grupos que foram vencidos entre 1840 e 1930. Entre os desdobramentos da história destacam-se o processo de expropriação e acirramentos de conflitos, isto não só com os que invadiam suas terras mas também se dava muita entre grupos Kaingáng. Hoje não existe muitos conflitos, os Kaingáng vivem atualmente em mais de 30 Tis espalhadas em quatro estados do Sul do país.

A herança do contato com o branco tem reflexo até hoje, porque pode ser visto nos arredores e até dentro das Terras Indígenas, com o desmatamento e o aumento das áreas das lavouras de soja e trigo. Se o índio não trabalha nessas lavouras ou não trabalha pros brancos ele é chamado de vagabundo, preguiçosos. Essa foi a maior herança que o contato deixou pra nós.

⁵ D'ANGELIS, Wilmar. Para uma história dos índios do oeste catarinense. IN: **Cadernos do CEOM**. CEOM 20 anos de memória e história no oeste de Santa Catarina, edição comemorativa, n.23, 2006, p.265 – 343.

⁶ MELATTI, Júlio Cesar. **Índios do Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1980. Pp. 179-185.

⁷ NOTZOLD, 2003, p. 46.

Em questão de caça e pesca, o branco trouxe as armas de fogo e começou a caçar os animais que os índios gostavam. Muitos desses animais nem eram caçados pelos índios porque são sagrados na cultura Kaingáng. O branco não faz diferença. O resultado é que os animais foram se acabando. Os peixes também, pois as redes dos brancos e o veneno das lavouras acabam com eles. Não é respeitado nem as épocas de desova.

Desde os tempos do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), como contam os velhos, os Kaingáng da TI Xapecó viram seus matos sendo derrubados. Os pinheiros, que além de servir de alimento para os índios com o pinhão, atraíam muitos animais por causa desta semente. Os índios então aproveitavam e armavam as armadilhas debaixo das copas dos pinheiros. Quando foram derrubados os pinheiros, acabou o pinhão e a caça se foi. São poucos os pinheiros existentes na Terra Indígena hoje em dia.

A Fundação Nacional Do Índio (FUNAI) não ajudou a melhorar a situação porque também derrubou os pinheiros e outras árvores pra alimentar a serraria que tinha onde hoje é a Aldeia Olaria. Por isso a Aldeia Olaria tem bem pouco mato, se comparado com antigamente.

1.1. Os Kaingáng em Santa Catarina e na TI Xapecó

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em seu último censo realizado em 2010, diz que a população indígena de Santa Catarina soma um total de 16.041 pessoas que vivem em Terras Indígenas e nas cidades próximas às suas terras de origens.⁸ As etnias existentes no estado são os Kaingáng, Guarani e Xokleng. Desta população, a etnia Kaingáng tem o um número mais expressivo, alcançando 6.543 pessoas, segundos dados de 2012 vinculados às pesquisas da FUNAI e da FUNASA. Ainda assim, apenas a TI Toldo Chimbanguê esta regularizada, as demais apresentam alguma pendência, desde demarcação, homologação e desintrusão.⁹ Mesmo com todos

⁸ BRIGHENTI, Clovis. Povos Indígenas em Santa Catarina. In: Notzold, Ana Lúcia Vulfe. et ali (orgs). **Etno história, história indígena e educação: contribuições ao debate.** Porto Alegre: Pallotti, 2012. p. 38.

⁹ Ibid. p. 40.

os obstáculos enfrentados, os Kaingáng vão sobrevivendo e cada dia vai crescendo o número de pessoas dessa etnia.

A Terra Indígena Xapecó esta localizada na região Oeste de Santa Catarina, entre os municípios de Ipuacú e Entre Rios, sua área total é de 15.623 hectares, sua população majoritária é Kaingáng. No decreto número 07 de 18/06/1902 diz que, a terra reservada aos indígenas era a partir do rio Chapecó, pela estrada que segue pelo sul, até o passo do rio Chapecozinho onde os dois rios fazem barra.¹⁰ Este decreto acima citado foi criado devido ao trabalho dos indígenas, num total de 200 indivíduos comandado pelo cacique Vanhkrê na abertura de uma estrada telegráfica, trabalho este ocorrido nos anos de 1892 e 1893, mas só dez anos após, o presidente do estado do Paraná, Francisco Xavier da Silva legitimou esta área.¹¹

A Terra Indígena Xapecó é maior do estado de Santa Catarina, conforme dados demográficos da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) de 2012. A população da área, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2010, era de 5.105 pessoas, ocupando uma área de 15.623 hectares.¹² Esta população é a majoritária Kaingáng com apenas algumas famílias da etnia Guarani, vivendo na aldeia limeira, uma família Xeta vivendo na aldeia sede.

A língua Kaingáng é um forte elemento da identidade deste povo, mas tem uso distinto nas diferentes comunidades Kaingáng de Santa Catarina. Seu emprego é mais frequente na aldeia Kondá. Já em terras como o toldo Chimbangue e toldo pinhal seu emprego é reduzido. Essas diferenças refletem os processos históricos vivenciado em cada comunidade. Na TI Xapecó e Toldo Imbu o número de falantes giram em torno de 40% da população, segundo linguista Aryon Dall Igna Rodrigues (1986).

Na Terra Indígena Xapecó as escolas procuram ensinar a língua Kaingáng já desde as primeiras séries, algumas escolas procuram incentivar já desde o pré-escolar. Apesar de que, a maioria das famílias não são falantes. Ao longo do tempo muitos pais que sabiam falar na língua materna Kaingáng não repassaram para seus filhos o conhecimento sobre a língua Kaingáng, este descuido de não ensinar seus filhos a falar na língua Kaingáng também aconteceu com nós, o pouco que aprendemos de nossa língua materna, aprendemos na escola com a ajuda dos professores bilíngue que muito

¹⁰ NOTZOLD, 2003, p. 17.

¹¹ Ibid. p. 83-84.

¹² BRIGHENTI, 2012, p. 255.

tem contribuído para o aprendizado de seus alunos e para a própria revitalização da nossa língua materna.

CAPÍTULO 2. A RELAÇÃO DO KAINGÁNG COM O MEIO AMBIENTE

A relação do Kaingáng com o meio ambiente é de extrema importância, é dele que é tirado todo o seu conhecimento, tanto material quanto espiritual. O meio ambiente para o Kaingáng é como se fosse sua própria vida, apesar de que hoje é preciso ser adaptado em sua terra para poder sobreviver e fazer viver sua cultura, seus costumes e tradições, como explica o senhor José Inácio, Kujá da aldeia Olaria.

A relação com o meio ambiente, a paisagem, a fauna, flora e a ocupação caracterizava-se nos tempos de antes do contato com os brancos (fóg) por grupos de caçadores-coletores, que caçavam animais de grande porte como o tatu gigante, o tigre-dente-de-sabre e preguiça gigante. Estes primeiros índios já estavam adaptados ao meio ambiente da época. De lá pra cá, a paisagem se transformou, o clima esquentou e tornou-se mais úmido dando possibilidade da floresta ter uma cobertura ainda maior, com isso animais de pequeno porte se multiplicaram cada vez mais.

O povo Kaingáng, como já dito, habita as regiões Sul e Sudeste do Brasil, nas florestas subtropicais que se estendem nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande Do Sul. Seu território tradicional atinge também os países de Argentina e Paraguai, principalmente nas áreas onde existe a araucária, que além da matéria prima, constituiu a base da dieta alimentar dos grupos habitantes desta região: o pinhão, por ser um alimento muito nutritivo.¹³ Por isso que tanto a memória dos velhos quanto as pesquisas feitas sobre os Kaingáng insistem em enfatizar que as araucárias são importantes para esse povo. Mas, pensamos que toda a mata é importante para os Kaingáng e para suas práticas culturais.

¹³ NOTZOLD, 2003, p.45-47.

2.1 A importância da mata para os Kaingáng

A mata para os Kaingáng é de uma importância gigantesca, pois fornecia no passado tudo o que se pensa de recurso para sobrevivência. Os Kaingáng tiravam dela tudo o que precisavam no dia a dia, como: coleta de frutas, de sementes, raízes, materiais para seus trabalhos artesanais e plantas para curar suas doenças. Hoje, infelizmente, não dá para dizer o mesmo, porque na maior parte das reservas indígenas do Sul foi tudo destruído. Os locais que se encontravam a matéria prima para nossos trabalhos quase não têm mais. Até se encontra sim, mas bem mais longe de nossa aldeia. Nossas ervas medicinais então, nem se fala, tem que ir procurar nas beiras de rios, nos peraus bem longe e assim por diante. Refletindo sobre a importância das matas para os Kaingáng, o senhor João Maria Mendes dos Santos revela que:

...quando se fala em mata, penso numa importância muito grande, só que aos poucos, o pouco que ainda resta continua a ser destruído, sem consciência do que se passa, o próprio índio junto com produtores de soja colabora para isso acontecer.¹⁴

Como o senhor João mesmo coloca, existe uma parcela de culpa do próprio índio no que diz respeito a destruição. Então pensamos que para recuperar a importância do meio ambiente e das matas é preciso recuperar a consciência do próprio índio, começando por nós e pelas gerações mais novas.

Para os Kaingáng mais antigos a mata sempre significou a vida, remédios e solução para os seus problemas. Um exemplo que nossos velhos contam diz respeito à questão espiritual que envolve a mata e o Kaingáng. Dizem eles que quando entram nas matas, se deparam com vários espíritos. Um deles é o guardião da mata, que analisa se você fez algum mal a mata ou não. Se fizer algum mal para a mata, a pessoa pode se

¹⁴ SANTOS, João Maria Mendes dos. 54 anos, morador da aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar mendes e Paulo Roberto dos Santos em 12/09/2014.

perder e não sair mais. Se entrar com crianças é ainda pior, porque se você fez algum mal para a mata ou para os animais, o espírito da criança não sai mais da mata.

Os velhos também falam do ponto de vista utilitário das matas para os indígenas explicando que as árvores servem também como sombra, fonte de alimentos e abrigo contra animais perigosos. Suas frutas sempre alimentaram os Kaingáng em épocas de pouca colheita e escassez de caça. Enfim, são varias as formas de proteção que as matas oferecem.

Para nós que representamos a nova geração, temos o conhecimento da real situação através de pesquisas bibliográficas e entrevista com nossos kófa (velhos) da comunidade referente ao desmatamento. Percebemos que a consequência do desmatamento trouxe a escassez, tanto de caça quanto de peixes nos rios da aldeia. Ficamos muito preocupados pelo fato de que, muitos moradores desta aldeia fizeram seus manifestos para que a serraria não fosse de fato implantada nos tempos do SPI e da Funai. Mas não conseguiram impedir e com o passar dos tempos tudo de ruim aconteceu. As lideranças e governantes do passado não olharam para as famílias preocupadas, que já previam a falta de parte de seu alimento. Diziam que tudo era parte progresso e que os índios nem iam mais precisar de caça, pois teriam mais alimento e moradia.

Hoje temos consciência que é muito difícil recuperar as áreas onde houve desmatamento. Já não existe mais caça como existia no passado e nem peixes em abundancia. Nossas crianças, na sua maioria, nem sabe oque realmente aconteceu, sabem que existiram muitas caças e muitos peixes, mas pensam que é só mais uma história contada e sem muito valor, que os velhos contam nas rodas de conversa e causos.

2.2 Os animais e seus significados

Até hoje os mais velhos explicam que todos os animais têm um significado para os Kaingáng. Existem aqueles animais que servem de alimento e podem ser caçados. Mas também existem aqueles que não podem ser mortos devido a sua missão sagrada, para o bem ou para o mal. Vários animais são considerados de mau agouro, porque são

portadores de notícias ruins. Um exemplo disso é a coruja, a qual, pelo que se conta, se ela cantar perto de casa, vem anunciar a morte de um membro daquela família.¹⁵ Essa ave os Kaingáng não matam, pois respeitam sua missão e tem, medo do azar que pode dar em matar ela. Existe também outra ave com o mesmo significado: o gavião pombo. Este, por sua vez, canta de dois tipos, um para se comunicar com seu grupo e o outro então é considerado mau agouro.¹⁶

Não são só as aves que trazem estas notícias, existem animais que também são considerados agoureiros, como o gato do mato, por exemplo. Se tivesse alguém morando na margem de cima do rio que corta a aldeia e ele gritar naquela região, alguém de perto iria morrer e assim também na parte de baixo do rio ou da outra margem aconteceria o mesmo.¹⁷ Outro exemplo é o graxaim, pois segundo contam os meus velhos, quando este animal passa perto da casa gritando como se estivesse chorando, alguém da família ou da comunidade vai morrer.

Existem aves e animais que são consideradas do bem pelos Kaingáng, como o pica pau, que também considerado sagrado. No passado, dizem que era um espírito espião para os guerreiros indígenas e só vivia por cima da mata. Quando avistava seus inimigos usava seu canto para que seus companheiros pudessem se proteger e atacar seus adversários, é por isso que os Kaingáng também não matam esta ave.

Também entre os animais considerados do bem está o tatu, pois é de conhecimento da comunidade que quando ele vem e passa na porta da casa, significa que dias de fartura virão. Este animal também tem seu aspecto de mau agouro, pois se ele vier na frente da casa e cavar um buraco e entrar nele, significa que uma coisa ruim vai acontecer na família, inclusive pode ser a morte de um membro.¹⁸

2.3. Como o desmatamento interfere nesta relação?

¹⁵ NOTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; MANFROI, Ninarosa. **Mitos e lendas Kaingáng**. Santa Maria: Pallotti, 2006. P. 35.

¹⁶ Ibid. p. 37.

¹⁷ Ibid. p. 36.

¹⁸

O desmatamento interfere nas relações do Kaingáng com animais e floresta de forma significativa. Sem mata não tem como os animais sobreviverem e não há como o kujá comunicar-se com seus espíritos, que estão na forma de animais. Assim, fica bem complicado realizar seus rituais, mas não é só isso, traz de forma catastrófica sérios problemas também para a confecção de artesanatos, para a coleta de ervas medicinal, enfim para a sobrevivência da própria cultura de nosso povo.

Outra coisa que é preciso lembrar é que o desmatamento interfere muito nas técnicas de caça e pesca. Isto porque é da mata que se tira o taquaruçu para o pari, o cipó Guaimbê e a guajuvira para os arcos e flechas, o pinhão e outras frutas para a ceva dos animais.

Segundo o senhor João Maria Mendes, este desmatamento que existiu em nossa TI, o culpado não foi só o nosso povo, mas também e principalmente o próprio órgão que se dizia protetor dos índios, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que teve seu fim na década de 60, dando lugar a outro órgão chamado de Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que também por sua vez deu prosseguimento no projeto de desmatamento, enriquecendo os cofres das empresas ao redor de nossa casa, com isso empobrecendo toda nossa Terra.¹⁹

CAPITULO 3. AS ARMAS E AS TÉCNICAS DE CAÇA E PESCA TRADICIONAIS DOS KAINGANG

Tudo o que a nova geração Kaingáng conhece em matéria de caça e pesca vem dos ensinamentos dos kófa. Através das rodas de conversa, das histórias contadas na beirada do fogo, tomando um chimarrão, ou mesmo indo nos matos e ensinando como se faz, eles revelam os vários exemplos de armas e técnicas de caça e pesca e a forma como se pode atrair, aprisionar ou matar os diferentes tipos de animais, desde roedores, tatus, aves até os peixes. Com base em seus relatos e com a ajuda de algumas referencias de livros sobre o tema, vamos descrever algumas dessas armas e técnicas na sequência.

¹⁹ MENDES, op. Cit.

3.1. Armas para caçar

As primeiras armas Kaingáng para caçar eram o arco e flecha e a lança, era produzida com muito cuidado por ser uma das armas que muito contribuiu para o sustento das aldeias. Sua confecção era da seguinte maneira: as pontas das flechas eram feita de osso de macaco bugio (góg) e de mico (kajér). Os arcos mediam geralmente de 1.20m a 2.40m, mas podiam chegar a medir 2.70m, de acordo com o tamanho do caçador ou do guerreiro. As pontas das flechas também podiam ser feitas com lascas de taquara, de varas farpadas, de varas de madeiras apontadas com osso de macaco ou osso de veado bem afiado. Após o contato com o não índios, os Kaingáng passaram a usar na ponta de suas flechas e lanças pedaços de ferro que conseguiam com os não índios (fóg)

As armas dos Kaingáng eram usadas conforme as suas necessidades, por exemplo, as armas de guerra também serviam para matar animais de grande porte como a onça e a anta, as armas eram tão grandes que mal podia ser abraçadas com a mão. Já para matar macacos e animais menores, as armas eram menores, leves, curtas e finas. A maior parte destas armas já foram esquecidas, só sendo confeccionadas em replicas bem menores para enfeites e para a venda como artesanato. Seu desaparecimento envolve vários fatores, como o desmatamento, a falta de matéria prima, mas também por não existir mais guerras. São raras às vezes em que os Kaingáng saem para caçar e quando saem, só utilizam armas de fogo (espingarda).

Além das armas acima citadas, podemos registrar algumas maneiras de se pegar pequenos animais terrestres como, por exemplo, o tatu. Então é feita a armadilha na toca do tatu (fãfã kré jyró), da seguinte forma: coloca-se depois de um toco ou uma raiz, muitos gravetos cobertos com cisco e presos entre dois pauzinhos fixados na terra, enverga uma vara para que na ponta dela coloca-se o gatilho que quando é disparado o tatu fica pendurado preso pela perna.

Outra forma de pegar tatu-de-rabo-mole, como tatu-mulita, é com uma armadilha chamada de **MUNDÉU** (KRÊGNYG), esta armadilha feita pelo Kaingáng é feita a partir de um tronco de coqueiro pequeno e bem pesado, se não for com tronco de palmeira, pode-se ser feito com tronco de madeira seca e também bem pesado, geralmente é armado nos carreiros onde passam os tatus. Dependendo do lugar onde

essa armadilha é colocada, pode pegar além de r tatu, outros animais pequenos. Devido o peso do mundéu, no momento em que ele desarma, os animais que passarem por baixo morrem instantaneamente. Na figura abaixo trazemos uma imagem de como funciona o Mundéu.

Figura 1. Mundéu sendo montado pelo Sr. João Maria Mendes e Valdecir Moisés.



Fonte: Eliezer Mendes dos Santos. Acervo dos autores.

Podemos registrar outra forma de caçar dos Kaingáng chamada de casinha de palha para cevar roedores (**Êgminko**). Nossos Kófas dizem que faziam este tipo de ceva para pegar ratos comestíveis, considerado ratos que podem ser consumidos porque não trazem doenças, como o ratão do banhado, aqueles que se criam nos açudes e lagoas, ratos da capoeira, menos os ratos que se criam em casa.

No capinzal, os Kaingáng faziam muitas estradinhas para várias direções utilizando foices e facões, simulavam muitos ninhos de ratos e deixavam até os ratos se acostumarem com estes ninhos. Junto com essas casinhas era deixado milho socado no pilão (pisé), em cima das casinhas era deixado um espaço como se fosse uma portinha para que quando os Kaingáng chegassem, pudessem atirar os roedores com suas flechas. Mas tinha um pequeno segredo: não podia atirar as flechas no corpo dos ratos e, sim, na cabeça. Isso era feito para não estragar a carne dos pequenos roedores.

Esta caçada era feita a noite, por isso, quando ainda estava dia o homem cortavam muitos gomos de taquaras secas, para por fogo e utilizarem para localizar as casinhas onde estavam os ratos. As mulheres por sua vez, nesse instante já tem posto espigas de milho seca no fogo para após torrarem os grãos e é com esse milho torrado que é produzido o pisé que é colocado para os ratos comerem. Quando uma parte dos homens sai para caçar ratos outra parte junto com as mulheres fazem uma fogueira para esperar os ratos mortos e sapecarem os mesmos. Na parte da manhã é tirada a pele dos ratos e as vísceras (tripas), então as mulheres fritam a carne e todos participam do banquete.²⁰

3.2. Armadilhas para caçar pássaros, (êgje)

Para fazer este tipo de armadilha, primeiro é preciso fazer um pequeno buraco no chão com o calcanhar, feito isso coloca lascas de taquara em cima deste buraco deixando uma pequena porta para ser colocado os grãos de milho dentro do cercado. Coloca-se então uma vara chamada vara gatilho (Katêm), que já deve ser fincada com sua ponta passando em frente à porta. Coloca-se também uma pequena vara chamada de pinça (Kapênsî) fincada no chão e esta deve estar enroscada e encostada em uma das pontas da taquara. Assim, com a vara grande, deve-se fincar seu cabo no chão e arquear a varetinha e pendurar na ponta da vara gatilho, enroscando ela na pinça. Após isso, coloca-se um laço em frente à porta da armadilha, só que tem que ser bem discreto para o pássaro não perceber e não vir até a armadilha. É este laço que vai desarmar se algo tocar dentro da armadilha, ficando preso pelo pescoço, morrendo asfiziado.

Nossos Kaingáng viviam fazendo várias armadilhas deste tipo distribuídas em vários locais. Com isso voltavam para a aldeia com vários pássaros, entre os mais caçados estavam às pombas, as saracuras, os urus, os nambus, Krónh-Krónh, perdizes, jacus, perdigões e os chamados de macucos. São estas as histórias contadas pelos nossos velhos (Kófas), devido à fartura de aves no passado as crianças e familiares nunca

²⁰ JOAQUIM, Dorvalino Kogjá. **KANGHÀG JINJÈN.** (Armadilhas Kaingáng). Campinas: Ed. Curt Nimuendaju. 2008, pp. 32-40.

tiveram falta de carne de pássaros, quando não vinham pássaros daquela região, vinha outros das mesmas espécies de outras regiões, é por isso que nunca faltava carne.²¹

Outra armadilha para pegar pássaros é chamada pelos Kaingáng de Cevas para pássaros (jêsi jo ín). Estas cevas só eram feitas na época de papagaios e baitacas, as cevas eram construídas em formas de casinhas (Ka Krê), após a lavoura de milho ser totalmente colhida nas roças de queimadas, limpava-se o local e fincava forquilhas no chão. Colocavam-se sobre as forquilhas varas compridas fazendo uma espécie de jirau, onde se amarrava as espigas de milho para os pássaros se alimentarem. Após três dias era feita uma casinha próxima das forquilhas fincadas no chão (Ka Krê), que deve ter entre duas e três portas pequenas para passar o laço (**ryr**). Este, por sinal, deve ser bem firme, e feito com samambaia para protegê-lo, pois são para este buraco que são arrastadas as baitacas quando presas no laço.

Quando as espigas são colocadas pela terceira vez, devem sempre ir duas pessoas de madrugada e esperarem as baitacas que a este tempo já estão bem distraídas. Assim então serão presas varias aves. Ao voltarem para casa então serão repartidas as aves em duas pencas, uma penca de cada um. O trabalho de depenação e de limpeza de suas vísceras é serviço das mulheres, que após limparem as aves, já as cozinham para comer com seus filhos. As baitacas, por exemplo, elas cozinham inteira e as aves maiores como perdiz e nambu são cozidas em pedaços ou assadas.

Outra forma de pegar pássaro muito usado pelos Kaingáng era a armadilha feita com lascas de taquara e se chamava laço com taquara (**RYR**). Esta armadilha só pagava papagaio, baitaca (ave semelhante ao papagaio), sandália-do-chão, periquito e caturrita. Neste tipo de ceva era pego somente baitaca e periquito, as demais aves eram pegas só no tempo do fruto da canela (**fykóg**) e fruto do embusteiro, quando estes frutos estão maduros.

O laço com taquara (**RYR**) era feito com taquaras e as linhas para esta ceva eram produzidas a partir de fibras de coqueiro, só que para pegar pássaros nas arvores deve-se sempre ser mais longas as varas, diferente das que são levadas para a ceva que é menor. É necessária outra vara para emenda-la se isso for necessário, esta é para utilizar quando os pássaros estão distraídos, coloca-se sobre o pescoço dos pássaros e da uma

²¹ Ibid. p. 11.

leve torcida, com isso os pássaros tem seu pescoço quebrado ocasionando sua morte. Na imagem a seguir, ilustramos como é preparada essa armadilha pelo senhor João Maria:

Figura 2. Senhor João Maria demonstrando o funcionamento da armadilha chamada laço com taquara.



Fonte: Eliezer Mendes dos Santos. Acervo dos autores.

Além destas armadilhas tem outra chamada de golpe no pescoço (**Nunh ki tanh-já**), esta também é para pássaros pequenos. Funciona assim: depois de feito um pequeno cercado, é introduzido um tronco de madeira não muito grande com uma forquilha na ponta posto na porta do cercado. É preciso já ter deixado outra vara fincada no chão com uma forquilha, na ponta como um gatilho, um laço para esperar os pássaros que ali chegarem. Pronta esta etapa da ceva, introduzem o farelo de milho (pisé) que foi socado no pilão no meio da armadilha. Quando o passarinho coloca a cabeça para comer o farelo de milho (pisé) a vara gatilho dispara prendendo o pescoço da ave. Os pássaros mais atraídos para esta armadilha é o sangue-de-boi, canarinho e pomba rola. Se tiver nambu naquele local, também é atraído para esta ceva e também é

preso pelo pescoço, daí então o nome desta armadilha chamada pelos Kaingáng de **nunh ki tânh-já (golpe no pescoço)**.²²

3.3. Armadilhas para pescar (pári)

O pari é um tipo de armadilha para pegar peixes nos riachos de pequeno porte. Para montar o pári, primeiro represa-se a água deixando um pequeno espaço (vão) para a água passar, colocando então o pari (**PÂRI**). Durante o dia, principalmente no mês de outubro, os peixes menores ou mais comuns como o lambari sobem rio acima. Isso ocorre principalmente na segunda metade do mês, caindo então no pari.

Os Kaingáng se acampavam a beira do rio com seus familiares e produziam seus pári que eram colocados nas pequenas quedas de águas. Assim de dia entravam grande quantidade de peixes pequenos, sendo então que a noite só os jundiás entravam no pari estes também com grandes quantidades. O trabalho de preparo dos peixes ficava por conta das mulheres, tanto assado como cozidos. Os peixes que eram pegos a noite no pari eram salgados e estendidos sobre o fogo. Então tinha uma durabilidade maior, só assim podiam levar peixes para serem consumidos em suas casas com seus filhos que não estavam acampados com eles as margens do rio. Essa é a função do pari, uma armadilha pesqueira muito utilizada pelos Kaingáng no passado que pode ser produzido tanto de taquara mansa, quanto de taquaruçu.²³

Outra forma que os Kaingáng utilizavam para obter seus peixes era o chamado Bater cipó (**PÉNJO KÊJE TY**). KÊJE são plantas hospedeiras que nascem na natureza (trepam) em árvores, mas não são encontradas em qualquer mata. Quando os Kaingáng queriam bater cipó convidavam bastante gente da comunidade, isso porque os cipós eram encontrados distante da mesma. Mas tinha um pequeno segredo: um grupo de homem só cortavam os cipós e outro grupo só amarravam, feito então esta etapa, todos puxavam o cipó até o leito do rio. Quando chegavam nele, as mulheres varriam os restos dos cipós que ficavam nas pedras até o leito do rio. Quando estes farelos entravam em contatos com a água logo entrava em um processo de decomposição virando uma

²² Ibid. pp. 20-23.

²³ Ibid. p. 46.

espuma entrando nos olhos dos peixes e os matando. Dizem os mais antigos que na beira do rio onde era batido os cipós ficava branco de lambari, traíras, e jundiás já meio alucinados (bêbados). Então era fácil mata-los com facão, sendo basicamente uma diversão captura-los. Quando é realizada a batida do cipó pela parte da manhã, a tarde já podem ser consumidos alguns peixes e se for batido o cipó lá pela meia noite, também os primeiros peixes podem ser consumido.

Figura 3. Técnica do Bater Cipó demonstrada pelo Sr. João Maria Mendes e Valdecir Moisés.



Fonte: Eliezer Mendes dos Santos. Arquivo dos autores.

Esta pratica, dizem os nossos Kófa, tinha algumas simpatias, pois procurava-se algum homem na comunidade com esposa que estava para dar a luz e ao encontrar este homem, eles o colocavam na parte mais baixa do rio para bater o cipó (**kêje**) para que a espuma amarga descesse em sua direção. Havia também restrições, principalmente para as mulheres grávidas. Elas não poderiam entrar na água e se teimasse em fazer isso seus cunhados ou cunhadas tinham o direito de surra-la com urtiga. Só se a mulher grávida levasse a surra, ela poderia entrar na água juntamente com os demais. As urtigas que

ela levou a surra devem ser cozidas com os peixes, a mulher deve ficar olhando as urtigas, se ficar consistente (**Pénh ke**), a pesca terá êxito.

Esta prática de pesca tem suas vantagens, pois quando era feita uma boa pescaria, os que têm mulher grávida, segundo os mais velhos (kófa), dizem que as crianças deste casal nascerão bem e se criarão muito saudável. Por esse motivo os Kaingáng usavam mais esta pratica para pegar peixe. Se o rio for pequeno apenas dez feixes de cipó serão suficientes, e se o rio for grande serão necessários cinquenta ou mais feixes de cipós.²⁴

Existe também outra forma de matar peixe muito utilizado pelos Kaingáng no passado, chamada de pesca com casca de madeira (**KA TY KRÊKUFÁR TÉN FÃ**), as madeiras mais utilizadas era a maria-preta e a pororoca, segundo os Kaingáng eram as árvores ideais para esta pratica de pesca. As árvores eram derrubadas com machado, descascadas e socadas em pilão. Feita então esta etapa era levado em cestos até o rio e derramado nas águas, as cascas liberavam uma espuma e esta matava os peixes,

Enquanto os homens descascavam as árvores, as mulheres tinham a tarefa de já irem socando, deixando assim as tarefas prontas. Também da mesma maneira que era feito com cipó (**kêje**) é feito com a casca de madeira (**KA TY KRÊKUFÁR TÉN FÂ**), todos praticavam esta atividade, assim todo tinham o direito a participar do banquete.

Algumas mulheres tinham o costume de assar seus peixes embrulhados com folhas de caeté sobre a cinza, outras preferiam cozinha-lo na panela e comer com milho ralado e assado na cinza (**êmî**), o famoso bolo de milho. Essa etapa de pesca é feita no mês de março, diferente da pesca do mês de outubro e novembro que é consumido os peixes com pisé. As cascas destas árvores não são muito amargas por este motivo pode ser feito em rios mais rasos, não podendo ser feito esta atividade de pesca em rios de águas mais fundas por ser preciso derrubar muitas árvores tornando impossível a captura dos peixes. Nesta atividade (com casca de madeira) os peixes devem ser consumidos rapidamente, não podendo ser guardados como nas outras atividades, pois os peixes logo entram num estagio de decomposição devido o veneno das cascas das árvores, mas isso não faz mal a saúde de quem o consome.

²⁴ Ibid. p. 53-54.

CAPÍTULO 4. OS KOFÁS E SUAS NARRATIVAS SOBRE CAÇA E PESCA

Nos capítulos anteriores, falamos sobre a história do nosso povo e mostramos como os Kaingáng caçavam e pescavam com suas armadilhas tradicionais, tirando da natureza seus equipamentos necessários para tal, sem prejudicar a mesma. No tempo antigo, segundo o que nos relatou o kujá José Inácio, morador da aldeia Olaria desde o tempo da madeireira, lá pela década de 60 e 70, tudo era mais fácil, porque neste período havia mais fartura de animais e mato. Diz ele assim:

Hoje fico muito triste, porque não vejo mais os passarinhos que via naquele tempo, nem os bichos que tinha bastante, ali perto do vau (local de passagem em águas rasas) tinha bastantes pacas, cutias, tinha também carreiros de veados, costeando rio acima tinha muitas árvores, pinheiro então nem se fala, era bonito de ver na parte da manhã bem cedinho e bem de tardezinha, quando os jacus, papagaio e periquitos voavam, faziam aquele barulhão era muito bonito, muito mesmo. Quando eu e o meu pai íamos caçar eu ficava olhando meu pai a chamar os micos (kajér) para nós matar eles, seus gestos e mímicas parecia atrair os animais para perto de nós, só que não atirava flecha com ponta neles, atirava outra com um caroço na ponta chamada de virote (tipo de flecha para derrubar pequenas caças, aves com um forte impacto), mas... hoje o que tem? Nada, a não serem alguns papagaios, jacus então, só se vê de vez em quanto.²⁵

Conta o Sr. José Inácio que os maiores culpados pelo extermínio dos animais e das matas foram os brancos, que invadiram a reserva e dizimaram com as florestas pra fazer lavoura e vender madeira:

Eu, quando não tinha muita coisa para fazer, ia para mato ver onde tinha mais árvores com frutos para então fazer minhas armadilhas, era um sertão só, muitas árvores existia por aqui, de repente começou um movimento estranho na nossa aldeia, mas até onde me lembro, só escutava ronco de motosserra, ronco de tratores, barulho estranho de motores cerrando madeiras e muita gente estranha entrando com caminhão vazio e saindo carregado de madeira cerrada, outras famílias vindas morar na nossa aldeia (pessoas não indígenas). E daí eu pergunto, onde foram nossas madeiras, nossos animais, nossas aves?, ninguém me responde, hoje vejo nossos jovens passando aqui perto de minha casa com uns ferros todo grudado que eles chamam de pito pra pegar

²⁵ INÁCIO, José. 75 anos, morador da Aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 23/10/2014.

tatú, vão longe, no outro dia, eles cruzam de volta, triste porque o tatú não saiu, quando eu era novo que nem eles, eu não perdia a viaje, tinha muitos animais, e era mais face de pegar eles, pra caça também, eu ia caçar com minhas armadilhas eu não perdia a viagem porque era feita na hora, trazia muitos passarinhos, principalmente os grandes, hoje eles vão longe caçar com espingarda e cetras, ficam o dia inteiro, voltam pra casa com aqueles pássaros bem pequenos, então estou vendo que vai ser difícil voltar aquele tempo, é por isso que fico muito triste ao falar deste tempo, tenho vontade de comer a carne daquelas caças, mas tenho que matar esta vontade com a carne que tem nos mercados, aquelas carnes congeladas, que não sei quantos dias estão ali naquela caixas grandes guardadas (frízer industrial), porque já estou muito velho e não posso ir mais pro mato caçar, tem sempre os filhos de meus vizinhos que lá de vez enquanto me trazem algum tatu, algum jacu, então eu troco com alguma coisa que eles precisam, me fecho na minha casinha e como com muito gosto, lembrando dos meus tempos de jovem.²⁶

Também aproveitando a oportunidade, pedimos para o Kujá José Inácio comentar mais sobre a forma de pescar e de caçar nos dias atuais. Segundo seu comentário, nos disse que, hoje está bem diferente dos anos passados, porque no passado só se pescava com armadilhas feitas pelos próprios indígenas, hoje não, só se pesca com anzóis de vários tipos e tamanhos, para cada tipo de peixe hoje tem um tipo de anzol, redes de várias malhas e números com tamanhos diferentes, espinhéis também com vários anzóis. Para se locomover de um lado para outro do rio hoje tem os chamados Caíco (**botes**) de madeira ou de lata, mas devido a escassez de madeira, já existe os botes fabricados de fibras, então, diz ele: “para mim se eu fosse pescar nos lugares que eu ia quando era mais novo, nunca vou pegar nada, o rio está com muito pouco peixe, e eu não tenho caíco para entrar rio a dentro”. Nesta oportunidade o seu José Inácio também comentou sobre o ocorrido nas últimas décadas em nossa comunidade, suas palavras eram de certa forma um desabafo emocionante, dava para perceber seus olhos por certos momentos rasos d’água e sua voz um pouco tremula ao relembrar de suas armadilhas que eram feitas próximo de sua casa.

Hoje não tem mais caça, não vejo mais o bichinho por aqui só vê tratores e carros passarem, sinto saudade daquele, mas fazer o que né?. A vida é assim mesmo, tudo muda, tudo tem progresso, só que os madeireiros não se preocuparam com nossos animais, dissero pra eles estava bom, destruindo a mata e expulsando nossos animais pra muito longe.²⁷

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

Já citamos outro entrevistado também, o Senhor João Maria Mendes Dos Santos, que tem um conhecimento grande sobre armadilhas tradicionais para caçar. O seu Jomaria, como ele é chamado, tem 54 anos e é morador da aldeia olaria desde quando a mesma se chamava Serraria em fim, desde a década de 60. Para começar, falamos com Sr João Maria explicando o nosso trabalho e do interesse em saber como ele aprendeu a fazer armadilhas para caçar e com quem ele aprendeu, ele nos relatou o seguinte:

Fico muito feliz em poder contar um pouco do que sei, e também dizer com quem aprendi a lidar com estas coisas. Para começar, fico olhando para as grandes lavouras e nunca esperava que as matas desaparecessem tão rapidamente, mas, se foi né, fazer o que. Quero dizer que aprendi com meu velho pai que se chamava Marins. Eu olhava muito a forma como ele escolhia seus materiais na natureza, os locais que ele mais frequentava e os tipos de caça que ele mais gostava era os seguintes: tatu, paca, cutia, veado, capivara pra tirar a gordura para remédio, gostava muito de aves como: jacu, pomba, papagaio e saracura, mas tinha um porém, ele tomava muito cuidado com a época de caçar, com as luas, com o sol, com a chuva, com o dia e com a noite, em tudo ele cuidava minuciosamente, se não tomasse estes cuidados, logo terminava os animais, mas foi pouco estes cuidados porque mesmo assim o desmatamento levou para bem longe as caças que ainda resta. Meu pai sempre foi e sempre será referência de cuidado com a natureza, mesmo não estando mais aqui entre nós, continuo sempre em tudo o que faço me inspirando nele.²⁸

Após esta rápida conversa, o seu Jomaria nos convidou a irmos até a mata que ele nos mostraria como fazer algumas armadilhas, então pedimos sua autorização para fotografá-lo. Ele ficou muito feliz e nos autorizou. Ao chegar na mata procurou rapidamente uma toca (**buraco feito pelo tatu**) para nos mostrar como é que ele fazia sua armadilha, procurando rapidamente algumas taquaras para cortar com seu velho facão que apesar de velho estava muito bem afiado por sinal. Ao longo da atividade, Jomaria explicava que era preciso procurar as taquaras mais velhas porque elas são mais resistentes, tendo que cortar uma certa quantidade de taquaras de mais ou menos um metro e meio de comprimento para colocar ao redor da casa do tatu. Diz ele que:

²⁸ MENDES, Op. Cit.

Primeiro devemos estar certo de que ele esta dentro dela, então pega as taquaras e coloca uma a uma ao seu entorno sempre afunilando as pontas delas, quando isso for feito, já temos que deixar uma outra taquara mais nova destalada bem fininha para amarrar ao redor da armadilha que eu chamo de pito, as taquaras deve sempre estar amarradas porque o tatu apesar de seu tamanho é muito forte. Pode levar até três dias para o tatu sair, então é preciso paciência. É certo que se ele sair vai ficar, porque nas taquaras da parte debaixo da armadilha tem que deixar um pequeno espaço, ao tatu entrar no pito, vai sempre até onde não da mais pra ele ir, quando quer voltar o rabo dele entra na quele pequeno espaço, não permitindo sua volta, no outro dia é só ir lá buscar ele, tenho certeza que não falha.²⁹

Figura 4. Armandando o pito (juquiá) para pegar tatu



Fonte: Eliézer Mendes dos Santos. Acervo dos autores.

Aproveitando a oportunidade, o seu João Maria nos falou também a respeito da caça e da pesca dos dias atuais, em seu relato deixou bem claro sua indignação com o que aconteceu em nossa comunidade nas últimas décadas, referindo-se ao desmatamento ocorrido em nossa Terra Indígena. Segundo ele, e é o que da pra se perceber nos dias atuais, para pegar algum peixe ou alguma caça é preciso se sacrificar um pouco e ir bem longe e levar bastante anzóis e muitas linhas para pescar e muitas

²⁹ Ibid.

iscas também. Outra coisa que é preciso relatar, no caso da caçada, em seu relato João Maria diz que é preciso levar uma garrucha taquari e muita munição, chumbo de vários números, pólvora e papel para fazer bucha, mas também é preciso muita sorte porque não tem mais pássaros como tinha no passado. “Hoje tem pequenas aves como: pomba juriti, rolinha, sabiá e devez enquanto acha algum jacu, mas precisa muita sorte para encontra-lo e conseguir matar”.

O problema foi que, se o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) não tivesse autorizado os grandes madeireiros da região a devastarem nossa mata, tirando as nossas madeiras lendárias com a serraria instalada aqui na nossa aldeia favorecendo os fôgos e expulsando os animais e aves que servia para nosso sustento, tudo teria sido diferente. Existia mais caça, mais peixes e mais animais para nossos filhos aprenderem a caçar com nossas armas tradicionais. Mas tem muitos parentes jovens que nem conhecem essas armadilhas, só conhecem as armas de hoje. Depois a da catástrofe deixada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), entrou em ação a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) que só trocou a sigla, mas a voracidade de destruição pela mata foi a mesma. Parou quando já estava tudo destruído. Se não tudo, uns 70% da nossa mata já estava destruída. Aí então deu-se o início das grandes lavouras de soja para poder aproveitar a terra. Caça e pesca hoje, só bem longe, nas escostas dos morros e nas costeiras dos rios. (relato oral pelo senhor João Maria Mendes dos Santos, 54 anos morador da aldeia Olaria).

Outro Kaingáng entrevistado foi Valdecir Moisés Belino Norberto, 32 anos, morador da aldeia Olaria. Nesta entrevista procuramos entrevistar este jovem senhor que, apesar de sua pouca idade é um excelente caçador. Suas caçadas são feitas na maioria das vezes com armadilhas tradicionais e isso nos chamou a atenção. Chegando à sua casa, o seu Moisés (como é chamado) nos convidou para tomarmos umas cuias de chimarrão na sombra das árvores em frente sua casa. Conversamos um pouco e já contamos o objetivo de nossa visita e do nosso interesse em saber sobre a maneira que ele pega suas caças. É claro que, na Terra Indígena Xapecó, existem mais pessoas que talvez usem armadilhas tradicionais. Mas nosso foco é a aldeia Olaria, então procuramos deixa-lo bem à vontade e também queríamos saber com quem ele aprendeu então ele nos relatou o seguinte:

Olha, vou dizer a verdade, nunca esperava que com essa idade que eu estou, viesse alguém a me perguntar sobre esse assunto, porque para mim caçar, só vou pro mato quando me dá vontade de comer carne de caça de tatu por exemplo, ou de paca, cutia, só que, acredite, nunca consegui matar nenhum veado. Olha que já procurei, mas não tá fácil. Tenho uns colegas que sempre me procuram pra ir junto com ele porque eles têm bastantes cachorros treinados para este tipo de caçada, mas pra dizer a verdade eu gosto de fazer minhas armadilhas para pegar pequenos animais. Não tão pequenos, por exemplo, para pegar veado no passado se usava a embira (miolo da casca do araticum). Desfiavam e produziam um tipo de corda bem grossa, para pegar o veado colocava-se no carreiro (caminho onde o veado passava), principalmente onde havia um tronco de árvore, cortava uma madeira bem fina, uma espécie de vara que era arqueada e amarrada na corda feita de araticum. Ao chegar ali, o veado pulava por cima deste tronco, caindo direto no laço do outro lado onde ficava preso pego pelo braço, que com o golpe da vara deslocava seu braço e não morria, ficava preso por até três dias, e quando os Kaingáng voltavam para ver sua armadilha, lá estava sua presa ainda viva. Então eles o matavam e traziam para casa para repartir com seus parentes. Hoje é mais fácil de fazer esta armadilha usando corda média industrializada, para fazer esta armadilha utiliza os mesmos métodos, só que precisa ir bem mais longe, porque devido o desmatamento que existiu em nossa comunidade os animais se refugiaram para as encostas de morros e rios, conforme suas adaptações.³⁰

Pra pegar tatu, Moisés repete a informação dada por Jomaria, dizendo que costuma fazer pito com taquaras, que é a forma mais comum usada na comunidade pelos Kaingáng. Para pegar outros animais, Moises detalha as outras armadilhas que costuma usar:

Vou contar mais detalhado a maneira que eu pego paca, porque além de eu caçar pra comer, também caço pra vender ou trocar por outros produtos que estão faltando no momento. Tem um fóg que sempre me procura para ver se eu tenho matado paca pra nós briquiar (trocar por outro produto), mas para pegar este tipo de caça é preciso ter muita experiência, muito cuidado e principalmente muita leveza. Quando vou para a mata, observo com muito cuidado aonde é as furnas (moradias ou ninho) delas (pacas). Feita esta parte, volto para casa e procuro milho seco, frutas como: maçã, laranja e banana. Na verdade faço um banquete para os animais, coloco tudo em uma sacola e quando a noite está perto levo tudo no lugar marcado. Repito esta façanha por vários dias, até meses se precisar, mas já tenho que ter feito poleiro (local onde irei ficar) até que a caça esteja convencida de que não tem mais perigo, então chegou o momento de pegar a paca, armo o laço e fico trepado no poleiro, mas tem que ser muito cuidadoso, ao perceber que a caça já esta no local marcado então dá um puxão na corda da armadilha fixando no pescoço dela, com isso ela não tem chance de reagir, pode se bater pra todos os lados que não tem jeito de escapar, assim é só pegar, mas deve ter muito cuidado senão ela pode machucar a gente devido suas garras bastante afiadas. Muitas

³⁰ NORBERTO, Valdecir Belino. 32 anos, morador da Aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 28/10/2014.

vezes, dependendo da necessidade, tenho uma garrucha de cartucho que também uso de armadilha, quando a caça, neste caso pode ser paca, cutia e até mesmo ratão do banhado, quando vejo que a caça já está bem mansa, armo à velha garrucha que é fixada em dois ferros para ser fincado no chão, a aproximadamente, uns 70 cm do chão com a boca virada para baixo, quando a caça bater em um dispositivo, provoca o disparo que atinge a cabeça do bicho que morre na hora. Tudo isso eu aprendi desde cedo, desde criança, quando meu pai ia para o mato fazer suas armadilhas para caçar. O único filho dele que tinha interesse em aprender a fazer armadilhas era eu, somos uma família grande, tenho muitos irmãos, mas eu sabia que tudo o que eu aprendesse com meu velho pai, iria me ajudar no futuro, dito e feito, muito tem me ajudado, tanto a caçar como a preservar esta cultura. Se quiserem eu posso ir até o mato e mostrar pra vocês como é feita estas armadilhas.³¹

Quando o seu Moisés se prontificou a nos levar até a mata pra nos mostrar como é que ele faz suas armadilhas, ficamos muito felizes e imediatamente perguntamos se ele nos autorizava a tirar algumas fotos. Ele por sua vez, nos autorizou. Fomos bem longe para encontrar o local ideal para ele nos mostrar seu trabalho, pois já não é fácil, somente nas costeiras dos rios e terrenos muito dobrados (pé de montanhas) é possível ser encontrados vestígios de pacas e cutias. Por esse motivo, fomos bem distante, encontrando as furnas (local onde é a casa das pacas, e também das cutias) ali então começou seus preparos, nos mostrando na prática, como se faz armadilhas, para que pudéssemos fotografá-las. Durou praticamente de duas a três horas, enquanto ele preparava seu material, nós íamos perguntando sobre os materiais encontrados por ele, se era como antigamente, ou se precisava ser reajustado com outros tipos de materiais para que pudesse fazer uma boa armadilha, ele nos respondeu assim:

Bom, nos tempos mais antigos eu pegava meus materiais sempre um pouco mais longe de onde eu iria fazer as armadilhas. Isso para não deixar vestígio e as caças demorarem mais a chegar ao local que precisava. Hoje então não dá nem para comparar, tenho que coletar muito mais longe, como pode ver, eu trouxe já do caminho algum material que eu vou ocupar para está armadilhas. Trouxe do caminho porque eu já sabia que aqui tem essas caças e não precisava de nós correr o risco de procurar em outros locais onde não tem este tipo de animais.³²

Sentimos a necessidade de além da pesquisa realizada para este trabalho, levar aos leitores uma história contada de nossa aldeia que não está registrada em documentários, mas sim vivida por alguém que sentiu na pele as transformações ao

³¹ Ibid.

³² Ibid.

longo do tempo em nossa aldeia. Aqui vai ser relatado algo verídico que nossos moradores viveram, e muitos por uma ou outra razão não tiveram a oportunidade de conta-la. Agora vamos escrever o relato de Nuto Feliciano, morador da aldeia Olaria, que hoje tem 61 anos.

Para começo de conversa, é preciso dizer que o senhor Nuto lembrou de seus pais, o senhor Sergio machado e dona Palmira Feliciano Machado, já falecida, que desde o início das pesquisas para implantação da madeireira aqui em nossa comunidade eles foram sempre contra esse projeto. Sempre estavam falando com o chefe do posto e dizendo de suas preocupações com o futuro desta aldeia, mas a resposta sempre foi de progresso para nosso povo.

Hoje ele sabe por que eles estavam preocupados. Naquele tempo ele era bem pequeno e não tinha a visão que hoje tem e ninguém quis ouvir seus pais, muitas famílias queriam que o chefe do posto transferisse eles para outra terra bem longe desta. Diziam também que eles eram contra o futuro desta terra, seu pai muito preocupado e revoltado com a situação, reuniu sua família longe das lideranças, num local no meio da mata, pedindo que ninguém de sua família contribuísse para tal projeto. Ficou por vários dias na mata caçando e pescando com sua armadilha. Seu Nuto explica ainda que, por várias vezes seu pai se ausentava da família ficando por algumas horas longe e:

...nós todos pequenos íamos procurar ele juntamente com nossa mãe. Ao avistar onde ele estava chegávamos perto e olhava em seu rosto banhado em lágrimas e minha mãe não se aguentava e perguntava por que ele estava assim. Ele dizia que sabia do estrago que a serraria iria fazer, tanto nas madeiras quanto com os animais e ia ser reflexo até nas águas dos rios consequentemente acabaria com os peixes e também dizia que nossas crianças iam crescer e suas crianças é que iria sofrer as consequências do que estava para acontecer. Minha mãe também chorava muito e dizia que não estava tanto preocupada com eles, sua preocupação era com seus netos que iriam sofrer e eles não estariam mais junto com eles pra socorrer quando precisassem. Aconteceu algo terrível nesta época que abalou mais ainda meus pais, é que quando voltamos para casa, achamos só as cinzas de nossa humilde casinha, o chefe do posto chamado de Nereu Costa, pressionado por algumas famílias que não gostavam muito de meus pais, mandou por fogo em nossa casa, quando nós chegamos em casa e avistemos aquela cena, meu pai, meus irmãos e nossos parentes foram até a casa do chefe e ao escritório da Fundação Nacional do Índio(FUNAI) pedir explicação. A desculpa do seu Nereu foi que achavam que eles teriam abandonado sua casa e teria indo embora para não ser incomodados, mas imediatamente foi até os mercados da região e comprou lonas para o meu pai construir um barraco até sair as primeiras madeiras da serraria e então construiria nossa casa. Meu pai agradeceu a boa vontade do chefe e disse que não queria madeiras da serraria, pois era contra e, cada tabua que ele pregasse na parede de sua casa sabia,

que era de uma madeira (árvore) que estaria morta, derrubada para enriquecer os fóg e pra ele só sobraria os refugos. E era justamente estes refugos que ele chamava de TABUA. Assim foi dito e feito, a madeireira começa suas atividades a todo vapor, derrubando os pinheirais e as madeira de lei, cabriúva, grapia, tarumã, cedro, guajuvira, alecrim e angico, mas a preferência dos compradores de madeiras da região era a araucária (pinheiro do Paraná). Era comprado por metros cúbicos, pagavam uma quantia e levavam três vezes mais. Com o passar do tempo meu pai e minha mãe construíram uma oca (casa de palha ou de folhas de palmeiras) bem grande e vivemos por muitos anos naquela humilde casa. As grandes árvores, os pinheirais foram sumindo, desaparecendo, estas lendárias árvores foram dando lugar a grandes clareiras, os animais foi aos poucos indo embora, junto com o desmatamento, nossos rios foram levando os peixes embora também, deixando para trás só uns pequenos peixes.³³

Seu Nuto explica que quando os administradores da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) perceberam que estava no fim às árvores para serem derrubadas, eles resolveram então parar com a serraria. “Mas em um curto espaço de tempo, foi então criada uma cerâmica (olaria para fabricar tijolos). Isso aconteceu já na década de 80. De lá para cá, foi produzido muitos tijolos, todos de seis furos e de dois tamanhos de 20 e de 24 cm de comprimentos, esta por sua vez era só queimava lenhas secas”. Sua angústia é sentida também quando diz que:

Hoje só se vê lavouras de soja, no lugar que tinha bastante caça, são produzidas grande quantidade de produtos, e os tratores que arrastavam toras, deram lugar a plantadeira, ceifadeiras e caminhões que saiam destas estradas carregados de madeiras da serraria, hoje saem daqui carregados só que desta vez, com toneladas e toneladas de soja produzida neste lugares que tinha caça. Minha mãe faz muito tempo que faleceu e meu pai faz uns nove anos que também faleceu. Tudo o que eles temiam aconteceu, a desculpa que os maiores que comandavam nossa Terra, de que as madeiras derrubadas serviriam para produzir as casas para nossos índios, não aconteceu. Só algumas famílias ganharam casa, outras estão com as casas construídas dos restos de madeira que sobraram daquele tempo.

Este foi então o relato do seu Nuto Feliciano, que por varias vezes, notamos sua voz meio tremula e seus olhos com um pouco de lágrima, devido aos fatos que ele viveu e presenciou quando criança e está marcado para sempre em sua memória. Disse ele por fim: “jamais vou esquecer, porque tudo o que aconteceu, meu pai já tinha previsto á muitos anos atrás, ele se foi, mas seu legado e esforço para defender a natureza e seus

³³ FELICIANO, Nuto. 61 anos, morador da aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 30/11/2014.

animais estão vivos em minha memória e o mesmo estou fazendo com meus filhos e netos”.

Hoje, quem vai a TI Xapecó percebe que várias casas são bem precárias. Mas as mudanças foram acontecendo. Nossos caciques aos poucos foram entrando no cenário político, então foram encaminhando projetos de habitação para os prefeitos e órgãos competentes. Assim, uma parte destes moradores foi contemplada com casas de alvenaria, parte dos tijolos para construir estas casas foi da própria olaria de nossa comunidade. Agora tem também eleição interna para cacique, de 4 em 4 anos, sendo realizada no dia 6 de julho. Na gestão passada (2010 á 2014) o cacique desativou a cerâmica, desempregando 15 famílias que viviam da produção de tijolos para dar o sustento aos seus filhos, deixando-os sem alternativas de trabalhos até os dias de hoje.

Figura 5: Os autores deste TCC com os caçadores João Maria Mendes e Valdecir Moisés.



Fonte: Eliezér Mendes dos Santos. Acervo dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com esta pesquisa foi possível descobrir e compreender um pouco mais da história da Terra Indígena Xapecó, principalmente as técnicas de caça e pesca e as armadilhas feitas pelos Kaingáng, bem como sobre o desmatamento existente ao longo de sua trajetória, em especial na aldeia Olaria, que muito prejudicou a execução destas práticas culturais.

O desmatamento levou quase que a extinção de vários fatores que diz respeito a tradição Kaingáng, como a caça, a pesca e a coleta de matérias para a confecção de artesanatos. Outro fator que nos trouxe ao conhecimento nesta pesquisa, foi parte dos rituais dos Kujá e até mesmo dos próprios artesões que precisam da natureza para executar.

Também levamos em consideração, e ai sim foi o foco deste TCC, os relatos históricos de nossos sábios da comunidade, que trazem desde a sua infância as preocupações em preservar as práticas tradicionais de produzirem armadilhas tradicionais para caça e pesca.

Em seus relatos foi possível perceber suas indignações com o ocorrido ao longo do tempo na TI Xapecó, pois nos últimos anos os mais novos não se preocupam mais em levar a sério as armadilhas tradicionais, preferem sempre o mais fácil, utilizando as técnicas dos não indígenas.

Esperamos com esta pesquisa despertar através o interesse das escolas indígenas e dos professores e direção e de quem mais se interessar em repassar para os jovens esses conhecimentos aprendidos, para que eles possam buscar junto com seus pais novas histórias e causos sobre este tema. Haja vista que este trabalho é primeiro sobre o tema nesta aldeia, temos a certeza que a partir dele muitos ainda virão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia

BORBA, Telêmaco. **Atualidade Indígena**. Curitiba: Typographia e Impressora Paranaense. 1908.

D'ANGELIS, Wilmar. Para uma história dos índios do oeste catarinense. IN: **Cadernos do CEOM**. CEOM 20 anos de memória e história no oeste de Santa Catarina, edição comemorativa, n.23, 2006.

BRIGHENTI, Clovis. Povos Indígenas em Santa Catarina. In: Notzold, Ana Lúcia Vulfe. et ali (orgs). **Etno história, história indígena e educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012.

_____. Terras Indígenas em Santa Catarina. In: Notzold, Ana Lúcia Vulfe. et ali (orgs). **Etno história, história indígena e educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012.

JOAQUIM, Dorvalino Kogjá. KANGHÀG JINJÈN. (Armadilhas Kaingáng). Campinas: Ed. Curt Nimuendaju. 2008.

MABILDE, Pierre F. A. Booth. **Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul. 1836 – 1866**. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MELATTI, Julio Cesar. **Índios do Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

NOTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. **Nosso Vizinho Kaingang**. Florianópolis Ed. UFSC, 2003.

NOTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; MANFROI, Ninarosa. **Mitos e lendas Kaingang**. Santa Maria: Pallotti, 2006.

Fontes Orais

FELICIANO, Nuto. 61 anos, morador da aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 30/11/2014.

INÁCIO, José. 75 anos, morador da Aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 23/10/2014.

NORBERTO, Valdecir Belino. 32 anos, morador da Aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar Mendes e Paulo Roberto dos Santos em 28/10/2014.

SANTOS, João Maria Mendes dos. 54 anos, morador da aldeia Olaria. Entrevista concedida a Gilmar mendes e Paulo Roberto dos Santos em 12/09/2014.